

Já disse que te amo?



**ESTELLE MASKAME**

A M O • P R E C I S O • S I N T O

JÁ DISSE QUE  
TE AMO?



## O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Estelle Maskame

JÁ DISSE QUE  
TE AMO?



*Para os meus leitores desde o início,  
porque este livro não é meu, é nosso.*

Se os livros e filmes me ensinaram alguma coisa, é que Los Angeles é a cidade mais incrível do mundo, com as pessoas mais incríveis do mundo e as praias mais incríveis do mundo. Então, como qualquer garota que já botou os pés na Terra, eu sonhava em visitar esse Estado Dourado. Queria correr na areia de Venice Beach, pôr as mãos nas estrelas das minhas celebridades prediletas na Calçada da Fama, ir até o letreiro gigante de Hollywood e observar lá do alto esse lugar lindo.

Além de todos os outros micos obrigatórios para os turistas.

Com os fones nos ouvidos e a atenção dividida entre a música e a esteira de bagagens à minha frente, reúno forças para encontrar um lugar no meio da multidão e pegar minha mala, as pessoas em volta se empurrando e gritando com seus companheiros, berrando que as bagagens delas acabaram de passar, e as outras gritando que aquelas não eram as bagagens delas. Só me dou ao trabalho de revirar os olhos e me concentrar na mala cáqui que se aproxima. Sei que é a minha por causa das letras de música rabiscadas na lateral, por isso a puxo o mais depressa que consigo.

– Aqui! – grita uma voz familiar.

O timbre incrivelmente profundo do meu pai soa meio abafado pela música, mas eu o reconheço na hora. Na verdade, eu o reconheceria mesmo que o som estivesse no volume máximo, mesmo que ele estivesse a quilômetros de distância, porque a voz dele é irritante demais para ser ignorada.

Quando minha mãe me contou que meu pai tinha pedido que eu passasse as férias de verão com ele, nós duas tivemos um acesso de gargalhadas diante da completa insanidade daquela ideia.

– Você não precisa ir – minha mãe me lembrava diariamente.

Três anos sem dar notícias e, de repente, meu pai ressurgiu sugerindo

que eu passasse o verão inteiro com ele? Ele podia pelo menos me ligar de vez em quando, perguntar como eu estava, entrar na minha vida aos poucos. Mas não, decidi ir com tudo e pedir para ficar dois meses inteiros ao meu lado. Mamãe foi completamente contra a viagem. Não achava que ele merecia passar tanto tempo comigo, certa de que ele jamais conseguiria compensar todos os momentos que havia perdido. Mas isso não foi o suficiente para fazer meu pai arredar o pé: ele continuou insistindo, tentando me convencer de todas as formas que eu ia adorar o sul da Califórnia. Não entendo por que ele finalmente decidiu entrar em contato, assim, do nada. Será que tinha esperança de consertar o relacionamento destruído no dia em que ele se levantou e foi embora? Eu duvidava muito disso, mas, no fim das contas, cedi e aceitei a proposta, embora minha decisão não tivesse nada a ver com ele. Eu queria mesmo eram os dias quentes de verão, as praias gloriosas e a possibilidade de me apaixonar por um modelo da Abercrombie & Fitch com pele bronzeada e barriga tanquinho. Além disso, eu tinha meus motivos para querer me afastar mil e quinhentos quilômetros de Portland.

Mesmo assim, não estou particularmente empolgada em ver a pessoa que se aproxima de mim neste instante.

Muita coisa pode mudar em três anos. Há três anos eu era oito centímetros mais baixa. Há três anos meu pai não tinha fios grisalhos perceptíveis no cabelo. Há três anos este não seria um momento esquisito.

Tento dar meu sorriso mais fofo, para não ter que explicar por que há um desgosto permanente desenhado nos meus lábios. É sempre muito mais fácil sorrir.

– Olha a minha menininha! – exclama meu pai, arregalando os olhos e balançando a cabeça, incrédulo por eu não ser a mesma menina de treze anos que ele deixou para trás. Nossa, muito chocante mesmo alguém de dezesseis anos não ter a mesma aparência de quando estava no oitavo ano!

– Oi – respondo, tirando os fones de ouvido, os fios pendendo das minhas mãos, com a leve calma da música vibrando pelos alto-falantes minúsculos.

– Senti muito a sua falta, Eden – diz ele, como se eu fosse explodir de felicidade ao saber que o pai que me abandonou está com saudade de mim, como se esperasse que na mesma hora eu me jogaria nos braços dele e o perdoaria.

Mas não é assim que funciona. O perdão não é algo dado: tem que ser merecido.

Mas, se vou morar com ele durante oito semanas, provavelmente deveria *tentar* ser menos hostil.

– Também senti sua falta.

Meu pai abre um sorriso de orelha a orelha, as covinhas afundando nas bochechas como uma toupeira se enterrando na terra.

– Deixa que eu levo isso para você.

Ele pega minha mala de rodinhas e se encaminha para a saída do aeroporto.

Vou atrás dele, atenta a qualquer estrela do cinema, da música ou da moda que possa por acaso esbarrar em mim, mas não vejo ninguém.

Sinto o rosto quente ao atravessar o estacionamento enorme, o sol fazendo cócegas em minha pele e a brisa suave esvoaçando meu cabelo. O dia está lindo, a não ser por várias nuvens inconvenientes.

– Achei que fosse estar mais quente aqui – comento, indignada ao perceber que a Califórnia não era um paraíso ensolarado livre de ventos e chuva, como os estereótipos me fizeram acreditar.

Nunca me ocorreu que em Portland, também conhecida como a cidade mais chata do mundo, pudesse fazer mais calor no verão do que em Los Angeles. Que descoberta decepcionante e trágica. Por mim, eu voltaria para casa, embora não tenha nada de interessante para fazer por lá.

– Mas até que está bem quente hoje.

Papai dá de ombros, quase como se pedisse desculpas pelo tempo. Dá para ver que ele está nervoso, vasculhando o cérebro desesperadamente em busca de alguma coisa para falar. Mas não há nada a ser dito, apenas a realidade desconfortável da situação.

Ele leva minha mala até um Lexus preto chique e brilhante, e fico me perguntando como ele conseguiu aquele carro. Antes do divórcio, ele e minha mãe dividiam um Volvo caindo aos pedaços que quebrava uma vez por mês. Isso se a gente tivesse sorte. Ou o emprego novo dele paga muito bem ou ele simplesmente optava por não esbanjar com a gente antes. Talvez não fôssemos dignas do dinheiro dele.

– Está aberto – diz ele, o veículo com a cabeça ao abrir o porta-malas e acomodar minha bagagem lá dentro.

Tiro a mochila do ombro e entro. O couro do banco está tão quente que por pouco não queima minhas coxas. Fico lá dentro esperando até meu pai se sentar diante do volante.

– E aí, o voo foi bom?

Ele inicia uma conversa genérica enquanto liga o carro e dá a ré.

– Foi tranquilo.

Coloco o cinto de segurança e fico olhando para a frente, sem a menor ideia de como dar continuidade ao diálogo. O sol é ofuscante, por isso pego meus óculos escuros na mochila. Dou um suspiro.

Quase ouço meu pai engolir em seco antes de perguntar:

– Como vai sua mãe?

– Ótima – respondo, talvez com um entusiasmo exagerado, fazendo questão de enfatizar como ela está indo bem sem ele.

Mas isso não é verdade. Ela está bem. Eu não diria ótima, mas não está mal. Passou os últimos anos tentando se convencer de que o divórcio poderia lhe ensinar muitas coisas, que a fortaleceria e a encheria de sabedoria. Só que, na minha opinião, a única coisa que ela aprendeu nessa história toda foi a desprezar os homens.

– Nunca esteve melhor – acrescento.

Meu pai assente, segurando firme o volante e finalmente saindo do aeroporto. Caímos numa grande avenida, pistas e mais pistas com carros indo e vindo, o tráfego pesado mas andando rápido. A paisagem aqui é aberta. Não tem arranha-céus gigantescos prestes a engolir você, como em Nova York, nem corredores intermináveis de árvores como em Portland. Pelo menos uma coisa não me decepciona: as famosas palmeiras existem mesmo. Sempre me perguntei se elas não eram uma ilusão coletiva.

Passamos por uma coleção de placas, uma acima de cada pista, indicando as cidades e os bairros ao redor. As palavras não passam de um borrão enquanto aceleramos em direção ao nosso destino. Um novo silêncio desconfortável está se formando, por isso papai pigarreia e tenta puxar assunto pela segunda vez.

– Você vai adorar Santa Monica – comenta, com um sorriso sem graça.

– É uma cidade ótima.

– É, eu pesquisei. – Apoio o braço na janela e observo o bulevar. Até agora Los Angeles não é nada parecida com a cidade glamourosa que vi na internet. – É a que tem aquele negócio. O píer, não é?

– É, o Pacific Park. – Um raio de sol ilumina a aliança de ouro no dedo dele. Solto um grunhido. Ele nota. – Ella está louca para conhecer você.

– Também quero muito conhecê-la.

Mentira.

Segundo meu pai me informou, Ella é a nova esposa dele. Substituta da minha mãe: uma coisa nova, uma coisa melhor. E isso realmente não entra na minha cabeça. O que essa tal de Ella tem que a minha mãe não tinha?

– Espero que vocês duas se deem bem – diz ele, depois de mais um momento de silêncio sufocante, trocando de pista. – Quero muito que tudo dê certo.

Meu pai pode até querer que isso dê certo, mas eu, por outro lado, ainda não comprei a ideia dessa “nova família”. Ter uma madrasta não me agrada. Quero uma família nuclear, pequena e aconchegante, só eu, minha mãe e meu pai. Não gosto de novos membros. Não gosto de mudanças.

– Quantos filhos ela tem mesmo? – pergunto, com ar de desprezo.

Não só fui abençoada com uma adorável madrasta, como também ganhei de brinde adoráveis irmãos postiços.

– Três – dispara ele, seco, provavelmente irritado com minha negatividade aparente. – Tyler, Jamie e Chase.

– Hum. Quantos anos eles têm?

Reduzindo a velocidade e parando no sinal, ele responde:

– Tyler acabou de fazer dezessete, Jamie tem quatorze e Chase está com... onze. Tente se dar bem com eles, querida.

Seus olhos castanho-esverdeados me espiam suplicantes.

– Ah. – Até então eu tinha presumido que ia conhecer uns menininhos que mal conseguiam formar frases. – Tudo bem.

Trinta minutos depois, estamos dirigindo por uma rua sinuosa no que deve ser o subúrbio da cidade, com calçadas enfeitadas por árvores altas de troncos grossos e galhos tortos que fazem sombra e protegem do sol quente. Todas as casas são maiores do que a minha, e todas são diferentes umas das outras. Não existem duas construções iguais, nem na forma, na cor ou no tamanho. O Lexus do meu pai para na frente de uma casa decorada com pedras brancas.

– Você mora aqui?

A Deidre Avenue me pareceu bem normal, como se fosse só mais uma rua em uma cidade qualquer. Los Angeles não deveria ser normal, e sim reluzente, fantástica, completamente surreal, mas até agora não foi nada disso.

Papai assente, desligando o motor e levantando o quebra-sol.

– Está vendo aquela janela?

Ele aponta para uma das janelas no segundo andar, bem no centro.

- Aham.
- É o seu quarto.
- Ah.

Não imaginei que teria um quarto só meu nessas oito semanas que vou passar aqui, mas a casa parece bem grande, então com certeza tem quartos de sobra. Ainda bem que não vou dormir num colchão inflável no meio da sala.

- Obrigada, pai.

Quando vou me levantar percebo que usar short tem seus prós e contras. Prós: minhas pernas podem respirar nesse tempo quente. Contras: minhas coxas estão grudadas no couro do banco, por isso demoro mais do que gostaria para sair do carro.

Meu pai pega minha mala e a coloca na calçada.

- É melhor entrarmos - diz ele, já puxando a bagagem em direção à entrada.

Acompanho meu pai pelo caminho de pedras, que vai até a porta da frente, grande e de mogno, como devem ser as portas de toda pessoa rica. De cabeça baixa o tempo todo, deixo meu olhar se demorar e percorrer as frases que escrevi no solado branco de borracha do meu All Star. Elas também estão na mala, letras de música que escrevi com caneta permanente preta. Ler essas frases sempre me tranquiliza um pouquinho, mas só até chegarmos à porta.

A casa em si - apesar de ser um símbolo ofensivo do consumismo - é bem bonita. Comparada com a casa em que acordei hoje cedo, é um castelo. Tem um Range Rover parado na entrada. *Que coisa chamativa!*, penso.

- Nervosa? - pergunta meu pai, hesitante, e dá um sorriso para me acalmar.
- Mais ou menos - admito.

Tentei não pensar na lista interminável de coisas que poderiam dar errado, mas em algum lugar dentro de mim sei que estou com medo. E se todo mundo me odiar?

- Relaxa.

Ele abre a porta e nós entramos, as rodinhas da mala reverberando no piso de madeira.

No hall somos envolvidos na mesma hora por um cheiro avassalador de lavanda. Uma escada leva ao andar de cima, e à minha direita há uma porta que, pelo que vi por uma fresta, dá na sala de estar. Logo adiante há um arco grande que leva à cozinha, e de lá sai uma mulher.

– Eden! – exclama ela, vindo em minha direção e me engolindo num abraço, os peitos enormes espremidos entre nós.

Então dá um passo atrás para me examinar, e eu faço o mesmo. Por algum motivo absurdo, eu esperava que ela fosse parecida com minha mãe, mas a mulher na minha frente é loura e magra. Pelo visto o gosto do meu pai para mulheres não é mais o mesmo, assim como seu estilo de vida.

– Estava louca para conhecer você! – continua ela.

Eu me afasto um pouco, lutando contra a ânsia de revirar os olhos ou fazer uma careta. Sem dúvida eu seria arrastada direto até o aeroporto se me comportasse de forma tão desrespeitosa.

Em vez disso, falo apenas um simples:

– Oi.

E então ela diz, muito empolgada:

– Meu Deus, você tem os olhos do Dave!

Essa é uma das piores coisas que alguém poderia me dizer, já que eu gostaria muito mais de ter os olhos da minha mãe. Não foi ela que me abandonou.

– Os meus são mais escuros – murmuro, com desdém.

Ela muda completamente de assunto.

– Você precisa conhecer todo mundo. Jamie, Chase, desçam aqui! – grita ela para a escada. – Dave contou da festinha que vamos fazer hoje à noite?

– Festinha? – pergunto. Uma festinha familiar com certeza não era um dos itens da minha lista de Coisas Para Fazer Na Califórnia. Principalmente com desconhecidos. – Pai?

Olho de esguelha para ele, tentando não deixar transparecer minha raiva, e levanto as sobrancelhas.

– Nós vamos fazer um churrasquinho com os vizinhos – explica ele. – Todo verão que se preze tem que começar com um bom churrasco.

Eu queria muito que ele parasse de falar.

Para ser bem sincera, não sou nem um pouco fã tanto de festinhas cheias de gente quanto de churrascos.

– Ótimo – falo.

Dois garotos descem a escada correndo, de dois em dois degraus, os passos retumbando no carvalho.

– Essa é a Eden? – sussurra o mais velho dos dois para Ella, mas consigo ouvir. Deve ser Jamie. E o mais novo, de olhos arregalados, Chase.

– Oi – cumprimento, com um sorriso. Pelo que me lembro da conversa no

carro, Jamie tem quatorze anos. Apesar de ser mais novo do que eu, temos mais ou menos a mesma altura. – E aí, tudo bem?

– Numa boa – responde ele. O garoto é a cara de Ella. Os olhos azuis reluzentes e o cabelo louro e desgrenhado são os mesmos. – Quer beber alguma coisa?

– Estou bem, obrigada.

Pela postura rígida e pela tentativa de apresentar bons modos, o garoto dá a impressão de ser maduro para a idade. Talvez a gente se dê bem.

– Chase, não vai dizer oi para a Eden? – encoraja Ella.

O mais novo parece bem reservado. Também herdou os genes impecáveis da mãe.

– Oi – murmura ele, sem me encarar. – Mãe, posso ir à casa do Matt?

– Claro, querido, mas volte antes das sete.

Fico me perguntando se ela é daquelas mães que deixam os filhos de castigo por derrubar farelo no tapete da sala ou das que não estão nem aí se eles não aparecem em casa por dois dias.

– Vai ter o churrasco, lembra? – pergunta Ella.

Chase assente e dispara até a porta, passando por mim e abrindo e fechando a porta com uma velocidade impressionante, sem nem um sussurro de adeus para qualquer um de nós.

– Mãe, quer que eu mostre a casa para ela? – pergunta Jamie assim que o irmão sai.

– Seria ótimo – respondo por ela.

A companhia de Jamie sem dúvida vai ser melhor do que a do meu pai, de Ella ou dos dois juntos. Não vejo sentido em perder tempo com pessoas de quem eu nem queria me aproximar. Prefiro ficar com meus novos irmãos posições maravilhosos, que certamente também acham essa nova configuração familiar muito estranha.

– Que gentileza, Jay! – Ela parece muito aliviada por não ter que me dizer onde fica o banheiro. – Você pode mostrar a Eden onde fica o quarto dela.

Meu pai assente e dá um sorriso tenso.

– Estamos na cozinha, se você precisar de alguma coisa.

Tento não bufar enquanto Jamie pega minha mala e começa a puxá-la escada acima. Nesse momento as únicas coisas de que preciso são pernas bronzeadas e ar puro, o que certamente não vou conseguir ficando dentro de casa com meu pai.

Já estou seguindo Jamie até a escada quando escuto meu pai sussurrar:

– Cadê o Tyler?

– Não sei – responde Ella.

As vozes deles vão ficando mais fracas à medida que subimos, mas consigo ouvir meu pai perguntar:

– Então ele saiu e pronto? E você deixou?

– Deixei – diz Ella, e depois já estou muito longe para ouvir o restante da conversa.

– Seu quarto fica em frente ao meu – explica Jamie quando chegamos ao segundo andar. – É o quarto mais maneiro. Com a melhor vista.

– Desculpa aí – brinco, tentando manter um sorriso descontraído no rosto enquanto ele vai até uma das cinco portas no andar.

Só que, por mais que eu tente evitar, meu olhar se concentra no hall lá embaixo, nos cabelos louros de Ella desaparecendo cozinha adentro.

Acho que ela é do tipo que não está nem aí para a sua existência.

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.  
Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos  
e poderá participar de promoções e sorteios.

[editoraarqueiro.com.br](http://editoraarqueiro.com.br)

